

## O GOZO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA CLÍNICA DA HISTERIA E DA PERVERSÃO

*Marco Aurélio de Carvalho Silva  
Vivian Ligeiro*

Partindo da relação de parentesco entre a histeria e a perversão, resolvemos abordar a dialética que percorre a teoria psicanalítica entre as estruturas clínicas da neurose e perversão. Faz-se necessário, todavia, estreitar os pontos comuns que fazem das duas estruturas mencionadas verdadeiras irmãs de sangue.

Quando Freud (1905/1970) introduz o aforismo que a neurose é o negativo da perversão, pontua, ao mesmo tempo, uma diferença entre as duas abordagens de economias psíquicas, mostrando que a negativização de algo na economia da neurose estaria positivada na perversão. Portanto, decidimos investigar a neurose e a perversão através do gozo.

O gozo não é prazer, é nocivo ao sujeito porque está no princípio da sua abolição (VALLAS, 2001). A noção deste desprazer em Freud só se torna possível conceitual no momento em que o autor introduz o conceito de pulsão de morte, esclarecendo que no psiquismo há algo que vai para além do princípio do prazer.

A libido aparece como tendo um duplo sentido para o sujeito falante. Ela é responsável pela própria sexualização no corpo do *infans*. As zonas erógenas, responsáveis pela inserção de Eros e conseqüentemente do prazer no corpo cifrado pelos significantes se traduzem como as áreas de obtenção de prazer. Ao mesmo tempo, a libido é também responsável pelo excesso de carga desta energia que não é capaz de ser absorvida pelas defesas. O mal-estar, as afecções psíquicas e os sintomas, todos traduções do gozo, derivam da resposta dada pelo sujeito à libido tóxica, que contamina.

Na neurose tal defesa desempenha o papel de recalcar as representações oriundas do encontro do psiquismo do sujeito com o quantum de energia, que aqui chamaremos

de *Afektsturm*, que como o próprio nome em alemão denota, significa uma tempestade de afeto puro e livre que assola o aparelho psíquico. A transformação de parte deste *Afektsturm* em representações ideativas já é o trabalho da linguagem, ou seja, do próprio significante cuja função é de conter o gozo.

Gozo é aquilo que escapa à significação. O gozo escapa ao significante. Escapa de ser transformado em representações ideativas e continua fluindo no psiquismo do sujeito como energia livre, tóxica ao sujeito, pois este último dele não pode se defender.

Devemos levar em conta a própria precariedade do significante perante *Afektsturm*, o gozo. Ao nascer o bebê mergulha em um mar repleto de significantes que lhe são dirigidos, mas tais significantes só serão escolhidos a partir da experiência deste bebê com este mar de palavras – meias palavras ditas, não ditas, bem-ditas e mal-ditas – que poderão lhe servir como uma ilha, uma terra onde ele poderá pisar, um lugar desertado pelo gozo, um aterro que foi limpo do gozo (VALAS, 2001).

O recalque, defesa presente no operador psíquico da neurose, se mune de significantes a fim de deter tal gozo avassalador, retirando de cena algo traumático deste encontro do sujeito com *Afektsturm*. A negativização da qual Freud fala na formação do aforismo a neurose é o negativo da perversão nos remete a pensar na dialética neurose e perversão como sendo ambas respostas subjetivas ao gozo.

A resposta da neurose ao gozo seria de uma negativização deste último. Por isso mesmo, Freud (1896/1970) diz que a histeria seria uma perversão repudiada, pois houve uma defesa que de certa forma negativizou a perversão, mantendo para o sujeito histórico algum aterro limpo do gozo neste mar de *Afektsturm*.

Já para a perversão, tal negativização não teria sido tão possível, pois podem ter faltado elementos significantes que funcionassem como recalcoadores a fim de dar ao

sujeito um aterra limpo de gozo. O recalque não funcionou para o sujeito perverso da mesma maneira que funcionou para o sujeito neurótico.

### **A histeria e o gozo**

A histeria e sua relação defensiva em relação ao gozo mostram que quando o aforismo freudiano de que a neurose é o negativo da perversão foi criado, o pai da psicanálise estava se dirigindo aos sujeitos histéricos. O histérico é aquele que se defende do gozo se desviando dele por asco (VALAS, 2001:34). Negativizar significa ir ao pólo oposto de polarização. Tudo aquilo que poderia lhe causar uma super-excitação será sentido como perigoso ao sujeito histérico e ele não deve apenas evitar, mas considerar nojento, asqueroso a ponto de não poder nem sentir seu cheiro, ou sentir vergonha dele ou ainda não suportar qualquer menção à dor que tal super-excitação vier denotar.

A histeria diz ter horror ao excesso, mas é o excesso que o histérico demanda. Há, todavia, um deslocamento do que é considerado excesso para a histeria. Ele desloca o excesso que poderia vir da super-excitação para um excesso de amor. E o sujeito histérico demanda, demandando do Outro sem parar, sem um limite para tal demanda. E nesta maneira ele goza. Não goza mais do cheiro, da dor ou da desvergonha. Ele goza de um sublime amor que não comporte nenhum destes requisitos que para o sujeito histérico estão fora de cogitação para obtenção de um prazer.

Portanto, o sujeito histérico está adormecido igual ao conto de fadas da bela adormecida que dorme para viver na fantasia tal amor sublime, livre deste gozo que para ele é asqueroso e, portanto não sublime. Ele espera, então, que alguém venha despertar neste corpo adormecido o desejo cuja falta não lhe diz respeito. É o Outro que não conseguiu ainda despertar nele tal desejo reconfortante. Reclama que o desconforto

sentido no seu corpo é culpa de ninguém conseguir despertá-lo. Por isso, é melhor sonhar e viver seu sublime sonho sem interrupções.

Braunstein (2007) fala dessa sublime sensação de que na histeria não há a fera e sim a bela. A fera seria seu extremo oposto. A bela é uma vítima desta fera imaginarizada e que no sujeito histérico não está nele e sim no Outro.

O autor classifica as formas de expressão da beleza da histeria e aponta como sendo a bela adormecida uma delas. O histérico “sonha com um futuro despertar em um paraíso de felicidade” (BRAUNSTEIN, 2007, p. 223).

Quando ele desperta pelo amor do Outro, ele diz amar. Na verdade, o histérico crê que ama a partir do amor do Outro. A partir deste amor, ele é capaz das maiores perversões sendo ainda vítima deste Outro que o despertou do seu sonho sublime e o fez sacrificar-se até mesmo realizando atos que para ele não são sublimes. O histérico quer se fazer amar e por isso pode se oferecer ao Outro para que então este Outro goze dele. Todavia, o histérico em si diz não gozar. É um sacrifício feito para o Outro. “O gozo é uma essência que lhe escapa e que apenas poderia ser fixado sobre a base de reconhecê-lo e pegá-lo no Outro, um Outro que deve ser construído, esculpido e defendido a qualquer custo.”(BRAUNSTEIN, 2007, p. 219).

Se o histérico negativiza sua perversão, o Outro que o habita o positiviza. Daí, a dificuldade de abordar a neurose e a perversão a partir de um ponto de vista que não seja da própria dialética. No caso da histeria, o recalque se presentifica com suas qualidades de retirar da consciência o máximo de representações ideativas perturbadoras. Porém, sempre resta algo e este algo que o significante não consegue conter deste encontro com o gozo é o que traça características que podem ofuscar o analista na elaboração de um diagnóstico diferencial entre as estruturas.

## **A perversão e o gozo**

No caso do perverso, vemos que a questão se mostra de uma maneira distinta da histeria descrita acima. Se na histeria haveria uma negativização de elementos perversos que pudessem se traduzir como prazerosos tais como a dor, o cheiro e a falta de pudor, o perverso não mede esforços para fazer com que tais elementos sejam positivizados para que este último possa, então, obter prazer nesses elementos. Enquanto a neurose é o negativo da perversão, a perversão poderia ser o positivo da neurose.

O trabalho do perverso seria não exatamente gozar. Em efeito, ele não goza. Ele transforma o gozo em prazer. “O perverso, cujo prazer e não gozo, consiste em forçar o outro a gozar, isto é, fazê-lo sofrer” (VALAS, 2001, p. 34).

É o outro lado da moeda do histérico, que se mune do asco a fim de evitar o gozo. O perverso poderia ser visto como o Outro da histeria. Este Outro que é visto como a fera que usa a bela para forçá-la a gozar. O histérico goza por causa do Outro. Portanto, não há uma oposição do lado da histeria, mas sim a constatação do próprio funcionamento do mecanismo da *Verneinung*, “o substituto intelectual do recalque” (FREUD, 1925, p. 266), que aponta que houve “uma suspensão do recalque. A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está recalcado” (FREUD, 1925, p. 265). A negação de tais traços já mostra que há um trilhamento pulsional na estrutura neurótica. A neurose goza no sintoma, mesmo sem saber que está gozando.

O que Freud quis postular com seu aforismo de que a neurose é o negativo da perversão (1905) foi o que mais tarde em 1927 ele pôde constatar que no caso da perversão tratava-se de um desmentido da castração. Braunstein (2007) nos traz um título curioso e bastante esclarecedor. A perversão é na verdade o desmentido do gozo, já que o perverso desmente o gozo para transformá-lo em prazer, como propõe Valas (2001).

Com a introdução do conceito de gozo trazido por Jacques Lacan, podemos reformular o aforismo freudiano sobre o binário neurose - perversão. A *Verleugnung* da qual Freud (1970) trata em 1927 no texto sobre o Fetichismo pode ser lida como o desmentido do gozo, um *disavowal* do gozo travestido como prazer. Freud unifica as perversões com seu aforismo de 1905 e o reatualiza em 1927 quando propõe a *Verleugnung* como o operador clínico de todas as perversões. Podemos, então, pensar a *Verleugnung* como o desmentido do gozo.

A partir da *Verleugnung*, podemos chegar a conjecturar que a crença esteja articulada a um saber sobre o gozo. Esta é a prerrogativa que supõe o perverso.

O saber que é proposto no discursivo do sujeito que está na perversão é um saber sobre o gozo que teria sido perdido, substituído pela promessa de um gozo absoluto e sem falhas. O saber do sujeito perverso se apresenta como sendo o do mestre do gozo: aquele que se apresenta para o outro como tendo um saber sobre o que é seu bem, isto é sobre um gozar sem falhas.(FLEIG,2008, p. 47).

Enquanto na neurose verificamos uma manutenção de um não-sabido que se traduz como sendo o próprio saber do inconsciente, na perversão tal não-sabido não se sustentaria já que o perverso diz saber sobre o gozo, sendo, portanto, seu mestre. Tal mestria faz com que ele não coloque outros no lugar de sujeito suposto-saber. É o perverso que supõe o saber.

A relação que o sujeito tem com o saber fala da sua estrutura. O neurótico sustenta o não-sabido e supõe que o outro saiba sobre seu não-sabido. O perverso não suporta o não-sabido. Portanto, ele não supõe que o saber está no outro. Ele é quem sabe sobre o gozo do outro. Ele é o mestre deste saber.

A partir desta relação com o saber, podemos inferir que o perverso não quer lidar com o Outro, o tesouro dos significantes, já que este último é barrado pela falta ou ainda

pela falha do simbólico, falha este que cria o real. O perverso não quer saber da hiância produzida pelo deslizamento dos significantes.

Do Outro ele parte para lidar com o outro. Desta forma ele não será *dupe*, um patinho que caiu nas malhas da linguagem. Ele mantém uma língua sem faltas, sem falhas que possa lhe dar a maestria de um saber sobre o gozo. Este lugar de mestre do gozo, do senhor detentor do saber de como se goza e como se faz gozar, é ocupado pelo *Urvater*, e é cobiçado pelo perverso.

## **BIBLIOGRAFIA**

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.

FLEIG, M. **O desejo perverso**. Porto Alegre : CMC , 2008.

FREUD,S. Carta 52 (1896) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

\_\_\_\_\_. A negativa (1925). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

\_\_\_\_\_. Fetichismo (1927). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito à pulsão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

## **SOBRE OS AUTORES**

**Marco Aurélio de Carvalho Silva**. Psicanalista. Mestrando em Pesquisa e Clínica em psicanálise (UERJ). Membro do Projeto Acolher.

**Vivian Ligeiro**. Psicanalista. Mestre em Psicanálise – pesquisa e clínica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Professora adjunta da Faculdade de Minas (FAMINAS/ Muriaé). Associada ao Corpo Freudiano do Rio de Janeiro - Escola de Psicanálise.